

4. Caminhar esperando na promessa

A fé crê na promessa de Deus e, baseando-se na fé na promessa, a esperança caminha, ou melhor, nos faz caminhar. A promessa de Deus não é apenas uma palavra, não é apenas uma espécie de contrato de seguro: é uma Pessoa, é uma Pessoa ressuscitada e gloriosa, uma Pessoa que viveu conosco, que falou conosco e realizou sinais de salvação e que, acima de tudo, sofreu por nós até a morte, ressuscitou, subiu ao Céu e permanece misteriosa, mas verdadeiramente conosco, no mistério da Igreja, todos os dias, até o fim do mundo. Foi exatamente com essa promessa que Jesus nos deixou para reunir-se ao Pai: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28, 20).

Cristo nos deixou com a promessa não apenas de retornar no final dos tempos, mas de permanecer presente, de permanecer conosco aqui e agora, até o final dos tempos. Portanto, deixou-nos prometendo estar conosco como Ele está com o Pai no Céu.

É a mesma promessa feita por Jesus durante a Última Ceia:

“Depois de ir e vos preparar um lugar, voltarei e vos tomarei comigo, para que, onde eu estou, também vós estejais. E vós conheceis o caminho para ir aonde vou’. Disse-lhe Tomé: ‘Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?’. Jesus lhe respondeu: ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim’” (Jo 14, 3-6).

Tudo isso exprime a promessa na qual a esperança cristã se fundamenta e na qual nos faz caminhar, tensionados a essa realidade já realizada em Cristo, em Deus, mas em direção à qual somos encaminhados através de nossa vida, da vida de nossas comunidades, através da história da Igreja e do mundo.

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14,6). Essa promessa de vida eterna, justamente pela forma como nos é feita, não contorna o caminho da vida, não é um salto para o alto, não nos propõe subir em um foguete que se desprende da terra e voa pelo espaço deixando para trás a trilha, a poeira do caminho, ou deixando o navio ir à deriva sem nós no meio do mar. Essa promessa é precisamente uma âncora que se fixa na eternidade, mas à qual permanecemos atados por uma corda que vem para estabilizar o navio que atravessa o mar. E é exatamente o fato de estar fixada no Céu que permite ao navio não permanecer parado no meio do mar, mas avançar através das ondas. Se a âncora de Cristo nos fixasse no fundo do mar, permaneceríamos parados onde estamos, talvez tranquilos, sem problemas, mas parados, sem viajar, sem ir adiante. Em vez disso, a própria ancoragem da vida no Céu faz com que a promessa que suscita a nossa esperança não bloqueie o caminho, não nos dê uma segurança em um refúgio no qual possamos nos encerrar e nos deter, mas nos dê uma certeza no caminhar, no continuar o caminho. A promessa de uma meta segura já alcançada para nós por Cristo torna firme e decisivo cada passo no caminho da vida.

Mas como nos ligamos a essa corda atada à âncora que é para nós Cristo crucificado e glorioso no Céu? É importante entender a que ela se liga em nós, como se liga a nós a promessa já cumprida no Cristo glorioso, mas que deve se realizar em nossa vida.

Quando Jesus nos diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14, 6), ele se anuncia como o caminho e o cumprimento de nossa esperança. No fundo, a grande promessa feita a nós por Deus em Cristo é aquela de alcançarmos o Pai, de sermos abraçados pelo Pai. É uma esperança de realização total da nossa pessoa, porque quem é abraçado por Deus Pai torna-se totalmente filho como o Filho unigênito, no Filho unigênito, e vive eternamente na comunhão do Pai e do Filho no amor do Espírito Santo. Tudo isso é a substância da fé cristã e também o cumprimento da caridade, mas essa substância da fé só pode ser cumprida na caridade se vivermos na esperança.

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”.

Com essas palavras, Jesus como que resumiu a parábola do filho pródigo ou do pai misericordioso de Lucas 15, 11-32. Essa frase do Evangelho de João é no fundo a exegese daquela parábola, mas, ao mesmo tempo, é como se a parábola de Lucas desse carne a essas palavras sintéticas de Jesus na Última Ceia. Nossa vida nos é dada para que retornemos ao Pai. Todos nós nascemos portando em nós a herança do pecado de Adão e Eva, todos nós nascemos portando a ferida de sermos pecadores, uma falta hereditária de graça, uma falta hereditária de comunhão filial com Deus. A Virgem Maria foi preservada de ser marcada por essa herança, não porque ela não seja descendente de Adão e Eva, mas porque a graça da Redenção lhe foi dada gratuitamente por Deus desde a concepção.

A nós, essa graça é agora dada por meio do batismo. O batismo nos reconduz imediatamente ao abraço do Pai no Filho, a quem o Espírito Santo nos identifica em virtude de sua morte e ressurreição. Mas é como se aquele evento perfeito que se realiza no sacramento do batismo devesse penetrar, como o óleo do crisma, em toda a nossa vida, em tudo aquilo que somos e vivemos. Toda a vida nos é dada para vivermos o batismo, de modo que a graça do batismo se torne toda a nossa vida, todo o caminho da vida. E isso significa que, após o batismo, toda a vida está tensionada entre a morte e a ressurreição de Jesus, ou seja, entre o afastamento de Deus de nosso ser pecadores e o abraço do Pai que nos devolve totalmente a dignidade de filhos seus.